

# MARK TWAIN – O HOMEM, A OBRA E A SUA ÉPOCA \*

CARLOS MANUEL CRAVO VENTURA

## PRÓLOGO

Entre finais de Outubro e a primeira metade de Novembro do ano de 1835, o mundo assistia a mais uma das dramáticas aparições do cometa Halley. E poucos dias depois, em 30 de Novembro, dava-se uma outra ocorrência, só que de natureza diferente: em Florida, uma minúscula vila<sup>1</sup> do condado de Monroe no Estado de Missouri, acabava de vir ao mundo Samuel Langhorne Clemens. Tendo nascido dois meses antes do previsto, a passagem de Sammy Clemens pela Terra arriscou-se, como era infelizmente normal na época, a ser tão transitória quanto a aparição do cometa. E, pelo menos durante os sete primeiros anos, teve uma existência muitas vezes próxima daquela ténue linha que separa a vida da morte, assolado que foi pelas várias enfermidades a que estão sujeitos sobretudo os que, como ele, nasceram prematuramente.

Este segundo acontecimento de 1835 – o nascimento de um rapazito de complexão frágil num lugarejo insignificante – seria historicamente irrelevante (excepto, talvez, para os respectivos progenitores), se não se tivesse dado a feliz circunstância de, quase vinte e oito anos depois, ocorrer mais um fenómeno digno de registo: numa terça-feira, no dia 3 de Fevereiro de 1863, na cidade mineira que já então se chamava Virginia City, do futuro Estado de Nevada, aparecia, de geração espontânea (ou *out of the blue*, como os americanos gostam de dizer), um sujeito que se assinava como Mark Twain e se dava a conhecer ao mundo – a um mundo ainda pequeno – através das páginas do jornal local, o *Territorial Enterprise*.

Como já devem ter suspeitado, não é do cometa Halley que venho falar, mas de uma, ou, talvez melhor, de duas histórias de vida que de alguma forma se

---

\* Versão revista e expandida de uma comunicação com o mesmo título, proferida no Colóquio «Mark Twain – Um Viajante *Inocente?* No Centenário da Morte do Escritor», realizado no Auditório da Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Horta, no dia 22 de Outubro de 2010.

<sup>1</sup> Continua, aliás, a ser um minúsculo lugarejo. No censo de 2000, contava com o impressionante número de nove habitantes.

interpenetram – a do cidadão norte-americano Samuel Clemens e a daquele que, tendo começado por ser apenas mais um pseudônimo, Mark Twain, viria a transformar-se, para muitos, no hipotético *alter ego* do primeiro. É impossível, no pequeno espaço desta comunicação, falar do muito que haveria para contar sobre esta personalidade (ou duas?), com uma história pessoal tão rica e tão contraditória. Mas, inspirado por uma outra figura, que também por estas paragens se deteve e que afirmava ser capaz (*e era-o*) de contar uma história de vida em três minutos – refiro-me a Jacques Brel e às suas canções –, talvez eu consiga, nos minutos que ainda me sobram, apontar alguns dos aspectos que me parecem de maior significado, não só sobre a personagem que motivou a minha presença aqui, como também sobre o seu extraordinário mundo. Regressemos, portanto, ao jovem de saúde débil e comecemos pelo período da sua vida que se torna verdadeiramente relevante (que o pré-natal, para o caso, é de somenos importância), o dos anos em que viveu, primeiro em Florida e, passado algum tempo, na cidade de Hannibal, também no Missouri.

#### OS ANOS DE FORMAÇÃO – CENÁRIO FAMILIAR E SOCIAL

São os acidentes da vida que levam Marshall Clemens, pai do nosso herói, até ao lugarejo de Florida. Com uma incapacidade inata para os negócios, Marshall Clemens, tendo tentado a sorte em outras paragens do Sul dos Estados Unidos – Virginia, Kentucky, Tennessee –, parte para Florida entusiasmado pelas palavras do seu concunhado John Quarles, que lhe acenara com as perspectivas de um lugar cheio de potencialidades para enriquecer. Não me vou demorar nas aventuras e desventuras do senhor Clemens. Acrescentarei apenas que, para não fugir à regra, se tratou de mais um empreendimento ruinoso, pois que, quatro anos mais tarde, havia de partir com a família para a cidade de Hannibal.

Estes quatro primeiros anos da vida do pequeno Sammy Clemens, se bem que menos decisivos do que os passados em Hannibal, não devem ser descartados da sua biografia, por muito breve que esta tenha de se apresentar. Será na quinta do tio John que de certa forma se inicia a educação literária de Mark Twain, quando à noitinha Sammy se esgueirava para os aposentos dos escravos onde ouvia velhas histórias de terror, em especial as contadas por um escravo de meia-idade – mais tarde considerado pelo escritor como um

dos mais sagazes dos que habitavam aquelas cabanas –, a quem chamavam Uncle Dan'l, cujo dialecto, bem como as inflexões de voz, lhe ficariam indelevelmente retidos na memória, a ponto de anos mais tarde os emprestar ao escravo Jim, uma das personagens principais d'*As Aventuras de Huckleberry Finn*. Do repertório de narrativas do Ti' Dan'l destacava-se uma velha história de fantasmas, *The Golden Arm (O Braço de Ouro)*, emigrada da Europa para o Novo Mundo e convenientemente adaptada pela população negra às suas especificidades dialectais. De tal forma esta era uma das preferidas do jovem Sammy que ele próprio, já encarnando a *persona* literária Mark Twain, a havia de repetir ao longo da sua carreira, fosse no palco, fosse em serões domésticos. A história que passo a resumir não prima pela sofisticação, antes se definindo pela ingenuidade típica das narrativas orais:

Era uma vez um homem de mau carácter, que vivia com a sua mulher na solidão da pradaria. A mulher tinha um braço artificial feito de ouro maciço (como a narrativa não se detém em minudências, só Deus conhecerá as circunstâncias em que ela perdeu o braço natural e as razões por que a prótese era de ouro maciço). Certo dia, a mulher morre e é enterrada. Na noite seguinte, não resistindo à tentação do ouro, o viúvo dirige-se à sepultura por volta da meia-noite (consabidamente a pior hora para se perturbar o sono dos mortos) e desenterra a defunta a fim de lhe arrancar a prótese. No regresso a casa, enquanto caminha penosamente no meio da neve carregando o cobiçado objecto, acha-se perseguido por uma voz sinistra, uma voz que se confunde com o silvo do vento e lhe parece dizer, «Bzzz--zzz--W-h-o--g-o-t--m-y--g-o-l-d-e-n ARM?» Aterrado, e duplamente aterrado quando a candeia se apaga com um sopro de vento, estuga o passo, acompanhado por aquela voz ominosa que o não larga. Mal chega a casa, sobe ao quarto e enfia-se na cama, procurando a protecção enganadora das cobertas. Agora, o que o assusta é o som de passos nos degraus que dão para o primeiro andar: «pat--pat--pat». Transido de pavor, ouve rodar a fechadura da porta do quarto. E eis que, de repente, o homem sente uma presença gélida junto à cabeça enquanto a voz lhe segreda, «W-h-o--g-o-t--m-y--g-o-l-d-e-n ARM?» Como devem imaginar, a pergunta é puramente retórica, pois a resposta, depois da indispensável pausa exigida pelo clímax da acção, surge tonitruante, vinda da mesma voz acusadora: «YOU'VE got it!»<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Em português, «Quem teem o meu braaaço d'OIRO? ... És TU!» A história é narrada no capítulo «How to Tell a Story», da colectânea *The \$30,000 Bequest and Other Stories*.

Esta história, apesar da fragilidade do enredo, tinha de ser contada aqui, para melhor percebermos uma das facetas da actividade literária do futuro Mark Twain. Nas histórias do *Ti' Dan'l*, o que fascinava o pequeno Sammy – um fascínio que iria manter-se pelo resto da vida – era, mais do que a sua intrínseca qualidade literária, a forma como aquele as contava. Em parte, é esta aprendizagem colhida do *Ti' Dan'l* que explica o êxito de Mark Twain nos recitais que o tornaram famoso, ainda antes de alcançar o reconhecimento como escritor. Como afirma um dos seus últimos biógrafos,

Sammy tinha-se viciado no «Braço de Ouro». O tema da culpa imposta por uma entidade sobrenatural sem dúvida que lhe dizia muito. Mas o que sobretudo o fascinava era a forma hipnotizante como Dan'l contava a história: o *timing*; o ritmo; o dialecto. E aquela *pausa*. Do convívio com os companheiros da quinta, não há outro dito, gesto, ou imagem, que tenha deixado na psique do pequeno Sammy uma marca tão impressionante. Mais tarde, o estilo de oratória que Mark Twain desenvolveu, e que explica a sua enorme popularidade junto do público, baseia-se em larga medida na exploração dessa pausa.<sup>3</sup>

Aproveito as palavras de Ron Powers acabadas de citar, aquelas que se prendem com o tema da culpa, para referir um outro aspecto muito relevante na formação emocional de Samuel Clemens. A par da inépcia do pai para os negócios (inépcia que o irmão mais velho, Orion, havia de herdar), cuja consequência – o espectro da penúria – seria motivo de apreensão ao longo de toda a existência do nosso escritor, não é menos determinante a opção religiosa de sua mãe, Jane, que tinha abraçado a confissão presbiteriana. O Presbiterianismo, movimento de inspiração calvinista nascido na Escócia, era, das confissões saídas da Reforma, uma das mais rigoristas no cumprimento das escrituras e das mais pessimistas quanto à possibilidade de o Homem, man-

---

Apesar dos dólares mencionados no primeiro conto («The \$30,000 Bequest»), a colectânea é de acesso *gratuito* nas páginas electrónicas do Projecto Gutenberg (“sítio” na *internet*: <<http://www.gutenberg.org>>).

<sup>3</sup> Ron Powers, *Mark Twain: A Life*, London, Pocket Books, 2007 (2006), p. 13: «Sammy was addicted to ‘The Golden Arm.’ The theme of supernaturally imposed guilt no doubt spoke to him, but his fascination lay mainly in Dan'l’s mesmeric style of telling. The timing. The rhythm. The dialect. That *pause*. No other single phrase, gesture, or image better illustrates the impact of his farm companions on his young psyche. As Mark Twain, he built his wildly popular oratorical style largely on the foundation of that pause.» Na presente alocação, as traduções para português são de minha responsabilidade, excepto onde se indique o contrário.

chado pelo pecado original, alcançar a salvação eterna – a Graça divina tinha de ser merecida, e, ainda assim, só alguns eleitos designados por Deus tinham a esperança da absolvição. Em suma, se é um facto que, para alguns poucos, havia a hipótese de a Graça divina os acolher, não é menos certo que, para muitos mais (os pecadores), o seu destino era o de arder nas chamas eternas do Inferno. Por aqui se compreendem os sentimentos contraditórios de Mark Twain sobre o cristianismo (embora não sobre o carácter exemplar da vida de Cristo), pois que passou toda a vida assombrado pela visão catastrofista da religião materna ao mesmo tempo que a sua natureza o empurrava para o hedonismo. E também se percebe, se tivermos em mente o radicalismo presbiteriano da época, a origem da sua antipatia dirigida ao catolicismo, antipatia esta amplamente expressa, por exemplo, nas páginas do seu relato da excursão transatlântica com destino à Terra Santa que, em 1867, empreendeu a bordo do *Quaker City*, em particular, nos juízos depreciativos acerca dos portugueses do Faial, ou dos italianos de Roma e de Nápoles<sup>4</sup>.

Um outro elemento doutrinário do Presbiterianismo, no caso, o do Presbiterianismo praticado nos estados a sul da Linha Mason-Dixon<sup>5</sup>, era, no período que antecedeu a Guerra da Secessão, a sua aceitação e justificação moral da «Instituição Peculiar», expressão eufemística adoptada pelos Estados do Sul para designarem o sistema escravagista que sustentava a sua economia. E o Estado de Missouri, embora na fronteira do *Upper South*, não fugia à regra. É por isso expectável que o jovem Sammy Clemens não estivesse preparado para perceber a falha moral que a escravatura representava; ou que a educação recebida tampouco o fizesse questionar o princípio “divino” de que o homem negro, se considerado em abstracto, era intelectualmente inferior ao homem branco. Isto porque, além do mais, a casa onde cresceu também possuía um pequeno número de escravos, que foram diminuindo conforme os negócios do senhor Clemens iam levando a família ao empobrecimento, até que só restou a escrava mais antiga, Jennie, que também acabou por ser vendida. Apesar destas conjecturas, não quero dizer

---

<sup>4</sup> Cf. Mark Twain, *A Viagem dos Inocentes, ou a Nova Rota dos Peregrinos*, trad. de Margarida Vale do Gato, Lisboa, Tinta-da-China, 2010, pp. 64-71, 277-339. (Original: *The Innocents Abroad, or the New Pilgrim's Progress*, 1869.)

<sup>5</sup> Esta Linha, que tinha sido traçada por Charles Mason e Jeremiah Dixon, de 1763 a 1767, para resolver uma disputa de fronteiras entre as colónias britânicas e a América do Norte colonial, virá a marcar simbolicamente a fronteira cultural entre o Sul escravagista e o Norte abolicionista, em especial, nos anos anteriores à Guerra Civil e durante esta.

que o jovem Sammy se não indignasse com os abusos de que alguns escravos eram vítimas, como anos mais tarde, e já no papel de Mark Twain, viria a confessar, ao mencionar alguns episódios infames que tinha presenciado na cidade de Hannibal, desde a separação forçada de famílias inteiras até à crueldade usada nos castigos corporais aplicados a alguns escravos.

É a partir de 1868, já no Leste, que Samuel Clemens começa verdadeiramente a simpatizar com a causa abolicionista, logo desde os primeiros tempos de convívio com a sua futura mulher, Olivia, cuja família, ligada à igreja congregacional, tinha uma tradição de luta em defesa dos direitos dos afro-americanos, inclusive colaborando activamente na rede clandestina de apoio a escravos em fuga dos estados do Sul, rede que ficaria conhecida como «the underground Railroad»<sup>6</sup>. Um dos escravos, em cuja fuga Jervis Langdon, pai de Olivia, desempenhara um papel decisivo, tinha sido aquele que veio mais tarde a revelar-se uma das figuras proeminentes da cultura norte-americana, Frederick Douglass, tornando-se amigo íntimo da família Langdon e também ele colaborador muito activo no apoio aos escravos fugitivos. O convívio de Twain com Frederick Douglass, e a sólida amizade que se foi desenvolvendo entre ambos, não podia deixar de influenciar positivamente o modo como o nosso escritor foi evoluindo quanto ao seu entendimento da questão racial. Mas, no período correspondente à excursão com destino à Terra Santa, ainda se encontram resquícios de preconceitos raciais na escrita de Mark Twain, como quando nos relata, n.º *A Viagem dos Inocentes*, o seu encontro em Veneza com um guia turístico descendente de antigos escravos. Diz ele, «Não conseguia suportar que um negro culto, descendente de um qualquer escravo da Carolina do Sul, pudesse achar-me ignorante» (p. 251), para logo mitigar o efeito negativo deste juízo com as seguintes palavras:

O guia a que me refiro é o único que tivemos até agora que sabia alguma coisa. Nasceu na Carolina do Sul, filho de escravos. Os pais vieram para Veneza quando ele ainda era bebé, e cresceu aqui. É muito educado. Lê, escreve e fala inglês, italiano, espanhol e francês com uma facilidade absoluta. É um admirador de arte e

---

<sup>6</sup> Nesta rede clandestina estavam envolvidos negros livres e brancos abolicionistas, muitos deles, em especial os negros, com risco da própria vida. A viagem de quase mil quilómetros, pois o seu destino principal era o Canadá, podia levar de alguns meses a um ano, conforme as condições climáticas e o vigor físico dos fugitivos. No “sítio” do *National Geographic* temos uma ideia mais concreta das dificuldades que todos eles, escravos e rede de apoio, tinham de enfrentar (cf. <[www.nationalgeographic.com/railroad/](http://www.nationalgeographic.com/railroad/)>).

conhece-a de fio a pavio; sabe de cor a história de Veneza e nunca se cansa de falar da sua próspera carreira. Veste melhor do que qualquer de nós, na minha opinião, e tem uma cortesia delicada. [E agora o mais revelador:] Aqui em Veneza acham que os negros são tão bons como os brancos, pelo que este homem não tem o mínimo desejo de voltar à sua terra natal, *e faz muito bem*. (p. 252; itálicos meus)

Parecem-me muito importantes os dois factores que tenho vindo a desenvolver – por um lado, os anos de formação do pequeno Sammy num ambiente que, com a abonação da igreja presbiteriana, encontrava justificação moral para a prática da escravatura; por outro, o posterior contacto de Twain com as ideias abolicionistas e igualitárias, que foi interiorizando à medida que aprofundava o convívio com a família Langdon e o respectivo núcleo de amigos. São estes dois factores que, assim o creio, estão na base do brilhante momento de apoteose moral que marca o clímax da acção do seu mais importante romance, *As Aventuras de Huckleberry Finn*. Este momento ocorre relativamente próximo do final da narrativa (no capítulo 31), quando o escravo Jim se encontra preso na quinta da família Phelps, e Huck Finn se vê perante o seguinte dilema: ou envia à proprietária de Jim, Miss Watson, a carta que acabou de lhe escrever revelando o paradeiro do fugitivo, optando assim pelo caminho do Bem, quero dizer, o Bem tal como este se encontra instituído naquela comunidade sulista do período anterior à Guerra Civil; ou tenta libertar o seu amigo Jim, que tão leal lhe fora ao longo da viagem pelo Mississipi abaixo, pecando assim contra a moral estabelecida mas mantendo-se fiel ao que o seu instinto lhe dita. Como é sabido, Huck opta pelas razões mais puras da sua consciência – uma consciência que não tem nada a ver com uma razão “civilizada”, para usar a linguagem de Huck –, recusando os constrangimentos impostos pela cultura dominante que o cerca, e decide tentar a libertação de Jim. Basta pensarmos nas contradições morais que afligem o pequeno Huck, para percebermos o *pathos* que se atinge neste ponto do romance. Por isso não resisto, agora, a ler o trecho que se inicia com o momento em que Huck pega na carta para Miss Watson, imediatamente antes de tomar a decisão de salvar Jim (e fá-lo-ei num português que procure dar, pelo menos, uma pálida ideia daquele inglês vernáculo da América rústica que Twain pôs na boca do nosso protagonista):

Peguei nela e segurei-a na minha mão. Estava a tremer, pois eu ia decidir, pra sempre, entre duas coisas, e eu sabia isso. Fiquei-me a pensar um minuto, tipo a prender a respiração, e então digo pra mim:

– Então prontos, *vou* prò inferno – e rasguei-la em pedaços.  
Era pensamentos horríveis, e palavras horríveis, mas estavam ditas. E deixei-las ficarem ditas; e não voltei nunca mais em pensar emendar-me.<sup>7</sup>

## O RIO MISSISSIPPI E O OESTE

Regressemos à cidade de Hannibal para, de forma resumida, observarmos a adolescência e os primeiros anos de vida adulta de Samuel Clemens. Com a morte do pai em 1847, o sustento da família ficara a cargo do irmão mais velho, Orion. Sammy, demasiado irrequieto para se acomodar aos bancos da escola, decide, então com doze anos de idade, seguir-lhe o exemplo, correndo vários empregos de circunstância até começar a trabalhar como aprendiz numa tipografia, passando pelas tarefas mais humildes até chegar ao posto de compositor. Em 1851 muda-se para o jornal que Orion comprara em finais do ano anterior, o *Hannibal Journal*, onde continua o ofício de compositor tipográfico, aproveitando esporadicamente para se exercitar na redacção jornalística. Por lá se mantém até que, em Maio de 1853, decide abandonar o jornal para partir, dois meses depois, em direcção a St. Louis. Começa aqui o seu vício das viagens, um vício que ele há-de alimentar pelo resto da vida. De St. Louis, prossegue num itinerário que o levará à cidade de Nova Iorque. Aqui, consegue arranjar trabalho numa grande tipografia, mas tem o primeiro choque com a realidade, ao se descobrir em competição com mais duas centenas de trabalhadores igualmente competentes, se não mesmo mais experientes do que ele. É, pois, na grande cidade que Samuel Clemens recebe a primeira lição de humildade. Mas é também aqui que ele se cruza pela primeira vez com muitas e variadas gentes – irlandeses, alemães, chineses, judeus, negros livres –, uma impressionante massa de imigrantes em busca de melhores oportunidades de vida.

Nova Iorque não o prende por muito tempo. Em 1856 volta a sentir o apelo das viagens, regressando ao Estado de Missouri para descer o Mississippi até New Orleans, na esperança de ali encontrar um navio que o levasse ao

---

<sup>7</sup> Mark Twain, *The Adventures of Huckleberry Finn*, London, Penguin Books, ed. de 2003, p. 283: «I took it up, and held it in my hand. I was trembling, because I'd got to decide, forever, betwixt two things, and I knowed it. I studied a minute, sort of holding my breath, and then says to myself:// 'All right, then, I'll go to hell' – and tore it up.// It was awful thoughts, and awful words, but they was said. And I let them stay said; and never thought no more about reforming.»



Brasil. Não chega a viajar para o Brasil, porque entretanto se torna amigo de Horace Bixby, o piloto do paquete que o levava até New Orleans e que o há-de tomar como aprendiz nas águas traiçoeiras do Mississippi. Ao fim de três anos de aprendizagem, Samuel Clemens pode enfim exhibir com orgulho a almejada carta de piloto, que lhe permitirá exercer a profissão mais conveniente a alguém que, como ele, não conseguia manter-se por muito tempo no mesmo sítio, além do mais, num rio que lhe era familiar desde tenra idade. Não me vou demorar sobre o papel que o rio Mississippi desempenhou na carreira literária de Mark Twain, visto que aquele se encontra bem presente, seja na sua obra ficcional, como em *Tom Sawyer* (1876) e em *Huckleberry Finn* (1884), seja na obra memorialista e de viagens, como em *Life on the Mississippi* (1883). Estas três menções bastarão para atestar a influência do rio na imaginação literária de Twain.

Não fossem os caprichos da História, no caso, o início da Guerra da Secessão, é plausível que Samuel Clemens tivesse continuado, pelo menos por mais alguns anos, como piloto de rio. Mas o Mississippi tinha grande importância estratégica para as duas forças em confronto, cada uma procurando arregimentar o maior número de pilotos capazes de dominarem os segredos daquelas águas. A posição de Clemens era tão mais desconfortável, para não dizer perigosa, quanto se dava a circunstância de ele pertencer a um dos então chamados «estados de fronteira» (*border states*), ainda por cima, aquele onde as opiniões da sua população se mantiveram desde cedo, e até ao fim da guerra, muito divididas quanto ao apoio a dar às forças em confronto (os restantes estados de fronteira – Delaware, Maryland e Kentucky – foram paulatinamente aderindo às forças unionistas, ou compelidos a fazê-lo, particularmente Kentucky, o mais reticente dos três). Pode por isso afirmar-se que é a Guerra entre o Norte e o Sul, da qual Clemens se sentiu sempre alheado, que o leva a abandonar a profissão de piloto e a partir em direcção aos territórios do Oeste, suficientemente longe dos campos de batalha onde a América havia de sangrar durante quatro intermináveis anos.

O futuro Estado de Nevada é o lugar onde Clemens verdadeiramente inicia a sua carreira de jornalista, se faz homem, e onde acabará por adoptar o pseudónimo de Mark Twain<sup>8</sup>. Em Virginia City, uma cidade mineira que tinha

---

<sup>8</sup> As memórias da sua vida no Oeste – memórias em que coabitam pacificamente os factos e a ficção – constituirão, juntamente com as impressões da viagem às ilhas Sandwich (mais tarde, o Havai), a matéria do livro *Roughing It* (1872), cujo título em português bem podia ser *Fazer-se Homem*.

crescido desordenadamente para acolher uma massa de gente atraída pela ilusão da riqueza rápida, Clemens, depois de também ele tentar a sorte na prospecção de prata, emprega-se num dos jornais locais, o *Territorial Enterprise*, que praticava um jornalismo sensacionalista e nem sempre fiel à verdade dos factos que noticiava, dirigido a um público que não primava pela sofisticação. Era, enfim, um estilo de jornalismo muito consentâneo com a índole do nosso Autor que, desde as suas esporádicas incursões jornalísticas em Hannibal, sempre preferiu sacrificar o relato escrupuloso da realidade em favor de uma história bem contada, nem que para isso tivesse de incluir alguns pormenores acrescentados pela sua imaginação. Isto, para não falarmos de histórias totalmente inventadas e que lhe causaram alguns dissabores, a ponto de uma delas o obrigar a mudar-se por algum tempo para a cidade de São Francisco, onde havia de contactar com a contracultura da época, no convívio com os boémios que, já nessa altura, chegavam a esta cidade vindos de Nova Iorque, ou, melhor, vindos da zona boémia de Nova Iorque, a já então notória Greenwich Village.

É ainda em São Francisco que Twain, em parte por razões financeiras pois que o dinheiro lhe fugia por entre os dedos com grande facilidade, começa a sua carreira paralela de palestrante, seguindo o exemplo de outros seus companheiros, como Artemus Ward, um dos mais populares na época. Diga-se que estas palestras não se caracterizavam pela sobriedade no tratamento dos temas, tratando-se mais do embrião daquilo a que hoje chamamos *Stand-Up Comedy*. A popularidade destas palestras deve-se à sua faceta humorística, numa América que, com as feridas da Guerra Civil ainda frescas, precisava urgentemente de encontrar motivos que a fizessem rir. E Mark Twain, com a sua linguagem vernácula, com a sua veia histriónica, com o seu humor cáustico e por vezes desenfreado, não desapontou esse público sedento de entretenimento. Graças às palestras, viajou por toda a América – bem como anos mais tarde viajaria por todo o mundo anglófono –, até chegar ao exigente público do Leste. Mas Twain, quando o circuito de palestras o leva em 1867 de volta a Nova Iorque, tem um outro propósito bem definido, que não se limitava à sua popularidade como humorista – Twain procura agora a sua legitimação como escritor, quer ser levado a sério nos círculos em que pontificavam os sisudos intelectuais da Nova Inglaterra, cultores de um estilo de discurso ainda fortemente marcado pela tradição *genteel* (a tradição civilizada, de boas-maneyras), que era, bem vistas as coisas, um resquício da influência da Velha Europa, não obstante as declarações de independência cultural como as que se encontram, por exemplo, nos escritos de Emerson, especialmente em *Nature* (1836) e em «The American Scholar» (1837).

## DE HUMORISTA A ESCRITOR (COM SENTIDO DE HUMOR)

Mark Twain capta a atenção do crítico mais influente da época, William Dean Howells<sup>9</sup> – também ele vindo da América profunda e, mais tarde, amigo dilecto de Twain para o resto da vida –, depois da publicação, em 1869, de *The Innocents Abroad* (afinal, o livro cujo lançamento em português, e numa excelente tradução, contribuiu para dar mais significado à efeméride que nos trouxe hoje aqui, a esta formosa cidade da Horta, *tão formosa quanto Twain a descreveu*, malgrado as palavras depreciativas com que mimoseou os seus habitantes mais humildes). A atenção de Howells é sobremaneira insólita, por se tratar de um livro que era vendido por subscrição; o que também evidencia, acrescente-se, a sua invulgar abertura de espírito. Este género de livros destinava-se especialmente a um público com interesses culturais poucos sofisticados, aquela camada de leitores que vivia isolada no mundo rural, logo, sem contacto com as livrarias dos grandes centros urbanos. Com raras excepções, tratava-se de livros que apelavam ao gosto mais convencional (um pouco como hoje acontece com os clubes de livros, cujo catálogo é maioritariamente formado por obras menores, mais vocacionadas para conquistarem a condição de *best-sellers* do que para ambicionarem a um lugar nas estantes do leitor culto).

Ainda a propósito dos livros por subscrição, e como curiosidade, uma das razões plausíveis por que os livros de Mark Twain possuem uma tão notável espessura prender-se-ia com este método de venda. O público que adquiria os livros não procurava apenas uma boa leitura que o distraísse da monotonia dos afazeres quotidianos, esperava também que o volume adquirido passasse a fazer parte do restante mobiliário, com capa e ilustrações que o tornassem digno de ser exibido, e com um número de páginas que justificasse o investimento. Como afirma Tom Quirk, um dos inúmeros estudiosos de Twain, «Os livros por subscrição tendiam a ser dispendiosos, e também volumosos, porque, para o cliente típico, o valor de um livro era medido tanto pelo seu

---

<sup>9</sup> A influência de Howells nas letras americanas do século XIX só é comparável àquela que, no século seguinte, iria ter o grande crítico Edmund Wilson. Nas letras portuguesas, apenas encontro um nome com semelhante peso, o de João Gaspar Simões, durante anos crítico literário do *Diário de Notícias*, o qual, apesar do carácter “impressionista” dos seus juízos, teve o grande mérito de chamar a atenção para muitos dos novos nomes que iam aparecendo na literatura portuguesa do século XX.

peso como pela prosa»<sup>10</sup>. É por isso que uma das recorrentes aflições de Mark Twain se prendia, na fase de redacção, com o número de páginas que sempre lhe faltavam para concluir os seus livros. E o método de as contar era simples: a cada página impressa correspondiam *grosso modo* duas manuscritas (no caso de *The Innocents Abroad*, a edição original contava com 650 páginas impressas).

Com o início do seu reconhecimento literário entre os exigentes confrades do Leste inicia-se um período na vida de Twain marcado por grande optimismo quanto ao futuro, um optimismo que estava em perfeita consonância com os tempos. Os EUA encontravam-se num dos momentos mais pujantes da sua História, com uma economia exuberante e uma capacidade inventiva digna de nota. Viviam, enfim, a sua revolução industrial, e a uma velocidade inusitada: enquanto a Grã-Bretanha tinha demorado um século a fazer a Revolução Industrial, os EUA fizeram-na em menos de metade dos anos, e com índices de produção inigualáveis na Europa. Como nos conta o historiador Maldwin Jones, «Entre 1860 e 1900, a produção americana de ferro fundido cresceu de 800 mil para quase 14 milhões de toneladas, e a de aço passou de um número praticamente inexpressivo para 11 milhões de toneladas, ultrapassando a capacidade de produção conjunta das outras duas grandes potências industriais da época, a Grã-Bretanha e a Alemanha»<sup>11</sup>.

Realmente, Mark Twain foi, neste período da vida, um homem do seu tempo. Além da actividade literária e das palestras, incentivado pelo futuro sogro tornou-se um investidor. Tal como os seus compatriotas, também ele tinha um fascínio pela ciência e se entusiasmou com a onda de invenções e de inovações tecnológicas que germinaram um pouco por todo o país, sobretudo no industrioso Norte – a título de exemplo, Twain, que se apressou a adquirir uma das máquinas de escrever postas no mercado pela Companhia Remington em 1873, terá sido o primeiro a usá-la na redacção de um romance, no caso, *As Aventuras de Tom Sawyer* (1876). O escritor alimentava, enfim, uma

---

<sup>10</sup> Tom Quirk, «Introduction», in Mark Twain, *The Innocents Abroad*, New York, Penguin, 2002, p. xxiv: «Subscription books tended to be expensive and therefore hefty because the typical customer measured value as much by the pound as by the prose.»

<sup>11</sup> Maldwin A. Jones, *The Limits of Liberty – American History 1607–1992*, 2<sup>nd</sup> edition, Oxford e New York, Oxford University Press, 1995 (1993), p. 304: «Between 1860 and 1900 American pig-iron production rose from 800,000 to nearly 14 million tons, steel output from negligible proportions to 11 million tons, more than the combined production of the two next most powerful industrial nations, Great Britain and Germany.»

crença otimista nas virtudes do progresso; um optimismo que se manifestava também na sua confiança quanto à bondade da vocação imperialista dos EUA, pois os via como a única potência que, pela experiência democrática nascida na luta pela independência, era capaz de proteger os povos mais fracos, em particular, os povos subjugados pela *católica* Espanha, como os filipinos... Twain estava igualmente convicto de que a América, sendo uma terra de oportunidades, proporcionava uma mobilidade social sem paralelo em qualquer outra parte do mundo. Esta convicção era decerto inspirada pelo exemplo de homens que, graças ao seu espírito empreendedor e ao seu esforço de autodidactas, tinham ascendido a um estatuto social que as suas origens dificilmente fariam prever, como por exemplo Thomas Edison, e de certa forma também Nikola Tesla, o imigrante croata responsável pela invenção do motor eléctrico (em 1888), de quem se tornou amigo. Mas esta mobilidade social sempre foi mais um mito americano do que uma realidade. Bastaria a Mark Twain lembrar-se das dificuldades que encontrou para entrar na família Langdon, no esforço de auto-domesticação que teve de fazer até ser aceite por alguns dos seus membros mais reticentes, como a futura sogra, para não falarmos do futuro cunhado, que anteriormente tão bom companheiro havia sido na viagem à Terra Santa. Mesmo assim, conseguiu contar com a benevolência do futuro sogro, apesar de tudo mais flexível perante a hipótese de a filha contrair matrimónio fora do seu meio social. Até Olivia, a *sua* Livy, resistiu por bastante tempo aos avanços de Samuel Clemens (nas cartas que este lhe dirigia nunca assinou com o pseudónimo literário), tendo com a sua atitude contribuído, não só nesta fase mas também durante toda a vida conjugal, para transformar Mark Twain num homem, e *num escritor*, socialmente mais respeitável. A influência da mulher é de tal forma marcante que, anos mais tarde, Twain confessaria que Livy não apenas lhe editorava os escritos como também o tinha editorado a ele próprio («she also edited me»). Depois do sucesso comercial de *The Innocents Abroad*, a actividade literária de Mark Twain caracteriza-se por uma produção torrencial de novos títulos, em parte porque, um pouco à semelhança do nosso Camilo Castelo Branco, uma porção substancial dos seus rendimentos dependia do que escrevia, já que no papel de empreendedor não foi particularmente bem sucedido, acumulando dívidas que, perante a emergência de as honrar, o levaram ao circuito de palestras pelo mundo fora até quase ao final da vida. Das dezenas e dezenas de livros publicados, não posso deixar de realçar aqui pelo menos um – que o espaço para esta comunicação aconselha alguma parcimónia (nem sempre

seguida, confesso-o) –, aquele que provavelmente mais terá contribuído para que William Dean Howells viesse a definir Mark Twain como «o Lincoln da [...] literatura [americana]»<sup>12</sup>.

*As Aventuras de Huckleberry Finn* é decerto o seu livro mais importante, e um dos mais significativos de sempre no riquíssimo panorama do romance americano. Tal é a sua importância, que Hemingway se lhe referiu, provavelmente com algum exagero, como o romance do qual derivava toda a moderna literatura americana. Começou por ser pensado como a continuação d'*As Aventuras de Tom Sawyer*, que era essencialmente um livro para a juventude, até Twain se ter apercebido das potencialidades do companheiro de Sawyer, Huck Finn. É uma história narrada pela voz autobiográfica de Huck, o que permitiu a Twain explorar os vários cambiantes do vernáculo americano que assimilara desde os primeiros anos de vida em Florida e em Hannibal. Aliás, a cidade onde se inicia a acção do romance, St. Petersburg, é o paralelo ficcional de Hannibal. Sendo aparentemente um livro para a juventude, só um olhar de adulto consegue apreender toda a ambiguidade de que o romance está impregnado. Sendo a sua acção passada num período anterior à Guerra Civil, o romance foi escrito tendo em vista os leitores do pós-guerra. Sendo um romance regionalista (a acção passa-se num Sul escravagista, reflectindo todos os atavismos próprios dessa vivência provinciana), fala de um aspecto essencial da experiência americana – a questão racial, que nunca se confinou, e ainda hoje isto se verifica, apenas aos estados do Sul, embora no Norte o racismo se tenha sempre manifestado de forma mais enviesada. Finalmente, *Huckleberry Finn*, com a sua ênfase numa inocência ditada pelo instinto do seu protagonista, pode ser visto como uma reacção romântica (no sentido literário do termo) ao racionalismo que estava na base das ideias de progresso dominantes na América da segunda metade do século XIX, ideias que também traziam por arrasto um darwinismo social no qual o Mark Twain da maturidade se não revia. Em certa medida, pode afirmar-se que *Huckleberry Finn* apresenta já sintomas do pessimismo – diria mesmo, misantropismo – que o escritor virá a revelar nos últimos vinte anos de vida.

---

<sup>12</sup> Apud Richard Ruland e Malcolm Bradbury, *From Puritanism to Postmodernism: a History of American Literature*, New York, Penguin, 1992 (1991), p. 201: «the Lincoln of our literature».

## EPÍLOGO

As vicissitudes por que Twain há-de passar a partir da década de noventa vão acentuar o seu lado depressivo e, concomitantemente, reanimarão aquela visão catastrofista da vida a que fiz referência quando falei das convicções religiosas de sua mãe. De um Twain com um humor por vezes cáustico mas sobretudo iconoclastico, vai-se progressivamente revelando um escritor dominado pelo azedume e por um furor que ultrapassa em violência verbal o que antes fora apenas um gosto pela invectiva. A forma como ele agora dá expressão ao seu recém-adquirido anti-imperialismo impressiona pela agressividade com que se manifesta. Repare-se nas seguintes palavras:

Apresento-vos a imponente matrona chamada Cristandade, que regressa manchada, emporcalhada, e sem honra, das suas incursões de pirataria sobre Kiaochoo, Manchúria, África do Sul e as Filipinas, com o coração cheio de vileza, os bolsos cheios de sangue, e a boca cheia de piedosas hipocrisias. Dêem-lhe sabão e uma toalha, mas não a deixem ver-se ao espelho.<sup>13</sup>

Ou, ainda, tendo por alvo específico o imperialismo americano quando as suas forças armadas reprimiram os independentistas filipinos, os mesmos com quem os EUA tinham emparceirado ombro a ombro na luta contra o jugo espanhol:

[E]les não conseguiam compreender isto; nós, que tínhamos sido tão amigáveis – tão afectuosos até – com aqueles patriotas simplórios! ... Tínhamos ... lutado ombro a ombro com eles contra o “inimigo comum” ... demos-lhes mimos, dissemos-lhes mentiras ... usámo-los, até deixarmos de precisar deles; e, depois de termos sugado todo o suco da laranja, deitámo-la fora com desdém ... O que nós queríamos, em nome do Progresso e da Civilização, era o Arquipélago, e desimpedido de patriotas a lutarem pela independência<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> *Apud* Ron Powers, *op. cit.*, p. 606: «I bring you the stately matron named Christendom, returning bedraggled, besmirched and dishonored from pirate-raids in Kiaochoo, Manchuria, South Africa & the Phillipines, with her soul full of meanness, her pocket full of blood, and her mouth full of pious hypocrisies. Give her soap & a towel, but hide the looking-glass.»

<sup>14</sup> *Ibidem*: «[T]hey could not understand it; for we had been so friendly — so affectionate, even — with those simple-minded patriots! ... We had ... fought shoulder to shoulder with them against ‘the common enemy’ ... petted them, lied to them ... used them until we needed them no longer; then derided the sucked orange and threw it away ... What we wanted, in the interest of Progress and Civilization, was the Archipelago, unencumbered by patriots struggling for independence».

Este azedume também resulta, em parte, de um ressentimento contra os caprichos do destino, um destino que o castigou com a perda de muitos dos que lhe eram mais queridos: em 18 de Agosto de 1896 morre de meningite a filha preferida, Susan, quando o pai se encontrava em Inglaterra; em 1904, é a vez de Livy, que fora a sua âncora apesar da saúde frágil, quando ambos se encontravam em Génova (de todas as mortes, esta é talvez a que o abala mais). Em 1909, depois de uma viagem pela Bermuda, regressa a casa para passar o Natal com Jean, a filha mais nova, que padecia desde tenra idade de epilepsia. No dia 24 de Dezembro, por volta das sete e trinta da manhã, acordam-no com a notícia de que a filha, com vinte e nove anos de idade, acabou de morrer afogada na banheira devido a mais um ataque epiléptico. É um período negro, em que o doutoramento *honoris causa* atribuído, em 1907, pela Universidade de Oxford e o casamento, em Outubro de 1909, de sua filha Clara com o pianista Ossip Grabilovitsch parecem pouco mais do que uma magra consolação.

Certa vez em 1909, num dos seus proverbiais assomos de fanfarronice, Twain terá dito que, já que havia vindo a este mundo acompanhado pelo cometa Halley, esperava partir com ele quando a passagem deste pela Terra se repetisse em 1910 e que grande seria o seu desapontamento se tal não se verificasse. Depois da morte da filha, Twain volta para a Bermuda, de onde só regressará em 14 de Abril de 1910, com a saúde já muito debilitada, para ficar confinado à preciosa cama de carvalho que ele e Livy tinham adquirido em Veneza no ano de 1878, e da qual nunca mais se separara. Atormentado pelas cada vez maiores dificuldades respiratórias, vai agonizando de dia para dia, até que, na tardinha do dia 21, depois de se despedir da filha Clara, exala enfim o último suspiro. E nessa noite, na cidade de Arequipa, no Peru, o cometa Halley voltava a ser avistado... e fotografado.